

## UMA AULA DE ECONOMIA

Um dia eu estava dando aula de economia e tentava explicar o comportamento do consumidor. O que ele compra? Como? Por quê? Para mostrar o quanto a visão estritamente econômica era frágil eu citei Freud.

Freud disse que a nossa consciência é apenas a ponta do iceberg. Ou seja, há muitas outras motivações, mais subjetivas, do que temos consciência. Não temos controle sobre todas as nossas motivações e muitas vezes não sabemos explicar porquê a temos. Neste momento a aula tomou outro rumo.

Freud é um sujeito polêmico e coloca o dedo em uma das maiores feridas do ser humano: a sexualidade. Por isso mesmo, quando se toca no nome dele todo mundo fica curioso, mas irrequieto, um tanto desconfortável. Assim, a aula descambou para uma conversa sobre Freud.

Eu tentava explicar a relação entre o desenvolvimento sexual das crianças e a formação da psique humana, segundo o Doutor Sigmund Freud (ou segundo a minha pobre interpretação). Seja lá como for, eu falava das estruturas da psique: neuroses, perversão e psicoses.

Todos nós somos, no mínimo, neuróticos, segundo a visão freudiana. Freud se deparou com o fenômeno da neurose feminina na virada do século XIX para o século XX, predominantemente histérica. É, as neuroses são divididas em histéricas e obsessivas. Todos lidam mal com a castração. Neuróticos, perversos e psicóticos. Mas foram aos neuróticos que Freud deu mais atenção.

Simplificando bastante (e por ignorância do autor) os histéricos acabam somatizando os seus sintomas. Existem reações histéricas. Uma vez minha mãe sofreu um assalto, no qual ela foi levada, trancada no porta-malas, ameaçada e largada no meio do mato no meio da noite. É natural que uma experiência extrema como esta deixe alguns traumas psicológicos, mas como eles irão se manifestar pode revelar a estrutura da psique de uma pessoa. No caso da minha mãe ela desenvolveu uma dor numa das pernas que lhe impedia de caminhar muito. Ela foi a muitos ortopedistas e os diagnósticos eram contraditórios. Teve médico que diagnosticou osteoporose na cabeça de fêmur e indicou uma cirurgia. No meio desse tempo ela foi passar uns meses comigo em Londres. Ela chegou no final do inverno, mas a temperatura ainda era baixa, o que faz o que fiquem mais agudas as dores causadas por problemas ósseos e musculares. Aos poucos a dor dela foi desaparecendo até não a incomodar mais. Eu disse a ela que ter a dor no Brasil era uma forma de ela não sair muito de casa e não se expor a passar pelo mesmo trauma. Ela voltou para o Brasil, a dor retornou, mas desapareceu com o tempo. Eu usei o caso da minha mãe para ilustrar uma reação tipicamente histérica.

Aí passei a tecer comentários acerca dos obsessivos. Lembrei do ótimo filme do Jack Nicholson: “Melhor é Impossível”. Uma pintura de caricatura de um neurótico obsessivo. Mas há casos mais brandos, eu disse. Os obsessivos tendem a ter um ritual em torno de alguma coisa ou situação. Despretensiosamente eu falei que havia muitos relatos de obsessivos que tinham que pular uma faixa imaginária antes de se deitarem em suas camas.

De repente, eu fui interrompido por uma aluna, que rindo, me afirmou que ela fazia isto. A turma inteira olhou para ela, que morreu de rir da situação. Perguntei a ela se era um caso isolado na família e ela me respondeu que não. Exceto a mãe, todos os demais membros de sua família tinham esta prática. Fiquei estarecido. Minha reação foi dizer: “você precisam de um psicanalista! Coitada da sua mãe.”. De bate pronto ela disse: “minha mãe colocou todo mundo no psicanalista, incluindo o meu pai”. Com isso eu dei por terminada aquela aula de economia.